

Barbieri, Fabio. Capítulo 1 da Dissertação de Mestrado – O Processo de Mercado na Escola Austríaca Moderna

O Processo de Mercado e o Problema do Conhecimento

Any approach, ..., which in effect starts from the assumption that people's knowledge correspond with the objective facts of the situation, systematically leaves out what is our main task to explain.
Hayek, [1945]1980:91.

1.1. Introdução

O objetivo desta dissertação é apresentar a história das origens e desenvolvimento de uma divisão no interior da moderna Escola Austríaca de Economia (EA). Essa clivagem se formou em torno de diferentes concepções sobre a teoria austríaca do processo de mercado e tem suas raízes nas diversas posturas metodológicas mantidas pelos autores envolvidos. O trabalho enfoca as contribuições teóricas feitas pelos economistas “austríacos” das gerações posteriores a Hayek, em especial Ludwig Lachmann e Israel Kirzner, que, ao lado de Murray Rothbard, foram as figuras principais no ressurgimento da escola austríaca a partir da década de setenta¹. Os desenvolvimentos da teoria a partir deste ressurgimento constituem o que chamamos de Escola Austríaca Moderna.

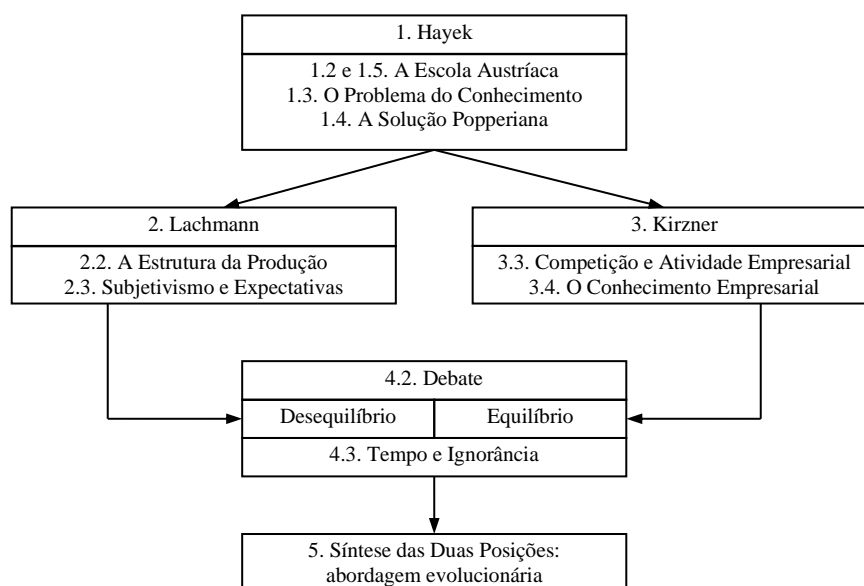
Destes desenvolvimentos, levaremos em conta apenas os aspectos relacionados com a teoria de processo de mercado. Serão postas de lado, desta forma, contribuições à teoria monetária, ciclo econômico, sistemas econômicos comparados, história da economia e do pensamento econômico que não forem diretamente relevantes para o entendimento da teoria de processo, bem como grande parte das discussões metodológicas e de teoria do capital que surgiram na tradição austríaca moderna.

Mas o que é a teoria de processo de mercado? Que problemas essa teoria trata e em que aspectos ela se diferencia da teoria microeconômica tradicional? Geralmente esta última está preocupada com o estado de equilíbrio. Estuda-se, por exemplo, as quantidades e preços de equilíbrio e a optimalidade desse estado. A teoria de processo, por outro lado, está preocupada com a seqüência de eventos que ocorrem no mercado, que pode levar ou não a um estado de equilíbrio.

¹ A EA, após seu apogeu na década de trinta, viveu uma fase de esquecimento e perda de influência até os anos setenta, que marca o ressurgimento da escola. Ver mais adiante, seção 1.5.

Investiga-se sob que condições podemos esperar a existência de uma tendência ao equilíbrio, num processo no qual a ignorância dos agentes sobre a realidade que os cerca e os erros advindos dessa ignorância exercem papel predominante da análise. Como veremos, fora do equilíbrio, os “dados” do problema de alocação, como preferências e preços, não são de fato dados, mas sua descoberta é fruto do próprio processo competitivo. Nessa teoria, o empresário cumpre a função fundamental de descobrir esses dados. Dessa maneira, a teoria está preocupada com o *processo de aprendizado* dos agentes econômicos. Nesse sentido, como veremos em breve, Hayek salienta o papel que o estudo do conhecimento dos agentes deveria desempenhar na análise econômica. Para tal, a AE utiliza teorias metodológicas não somente para entender o funcionamento da ciência, mas também como elemento analítico pertencente às próprias teorias econômicas: estuda-se a *evolução do conhecimento* dos agentes e como esse conhecimento se relaciona com a realidade existente nos mercados. Sob que condições esse conhecimento se torna compatível com essa realidade, possibilitando que haja coordenação entre as atividades dos agentes, é o problema tratado pela EA, que chamaremos de *Problema do Conhecimento* de Hayek.

O trabalho está estruturado conforme a figura abaixo. O restante deste capítulo irá expor o problema do conhecimento tratado pela teoria do processo de mercado na EA moderna. Para tal, iremos situar o problema historicamente, através de uma caracterização do que vem a ser o programa de pesquisa austríaco (1.2), seguida do estudo da origem do problema básico, encontrada em artigos de Hayek escritos nas décadas de trinta e quarenta sobre o papel do conhecimento no processo de mercado (1.3) e de um breve relato da história do ressurgimento da EA a partir dos anos setenta (1.5), quando as contribuições de Lachmann e Kirzner oferecerão maneiras contrastantes de lidar com o problema. Ainda no primeiro capítulo (1.4), iremos esboçar algumas idéias de Popper sobre metodologia que serão usadas na resolução do problema do conhecimento de Hayek no último capítulo e na avaliação das contribuições de Lachmann e Kirzner.



O restante do trabalho divide-se em quatro capítulos. Os dois seguintes tratam da obra de dois economistas principais do ressurgimento, Lachmann e Kirzner. O segundo capítulo, dedicado à obra de Lachmann, principia pelo estudo de sua teoria da estrutura do capital (2.2) e das forças equilibradoras que mantêm integrada esta estrutura. Em seguida (2.3), veremos como, a partir dessa teoria, o autor altera sua versão sobre a teoria do processo de mercado, passando a enfatizar o subjetivismo radical, a incerteza e a criatividade da ação humana. Esta ênfase levará o autor a privilegiar as forças desequilibradoras no mercado. Analisaremos a transformação do autor e os trabalhos metodológicos que a fundamentaram (2.4). O terceiro capítulo traça as origens do pensamento de Kirzner em Mises (3.2), apresenta a sua teoria da atividade empresarial, baseada neste último autor (3.3) e segue com desenvolvimentos posteriores da sua teoria relacionados ao problema do crescimento do conhecimento dos agentes estudados por Hayek (3.4).

O quarto capítulo trata dos debates que surgiram no interior da EA a partir da década de 80, em especial o debate sobre a preponderância das forças equilibradoras ou desequilibradoras no processo de mercado(4.2). Nesse debate chocam-se as idéias de Lachmann e Kirzner sobre como funcionaria o processo de mercado. O primeiro enfatizará os aspectos de incerteza e criatividade do conhecimento dos agentes, enquanto o segundo enfatizará as limitações à liberdade de ação humana impostas pela existência das realidades subjacentes ao processo de mercado. O capítulo segue (4.3) com uma tentativa de conciliação das duas posições, encontrada em um livro que marcou a EA na década de oitenta.

Por fim, o quinto capítulo defende a idéia de que a teoria austríaca de processo deve, no futuro, tomar a forma de uma teoria evolucionária. O capítulo aponta alguns desenvolvimentos que já ocorreram nessa direção e, com base nesse referencial, oferece uma interpretação do debate tratado no capítulo anterior, utilizando a epistemologia evolucionária de Popper para analisar até que ponto as teorias de Lachmann e Kirzner lidam satisfatoriamente com o problema do conhecimento de Hayek. Com base na abordagem popperiana sobre a natureza do conhecimento, concluiremos que as contribuições dos dois autores são complementares, os pontos fortes de cada um deles vêm em auxílio na resolução dos pontos fracos do outro.

1.2. O Programa de Pesquisa Austríaco

A EA, embora compartilhe sua origem com a tradição neoclássica e apresente vários pontos de acordo com esta última, como por exemplo a teoria básica do valor, constitui um programa de pesquisa próprio. O desafio de um texto que trata da mais recente geração de economistas pertencentes a esta tradição consiste em expor suas idéias e conceitos de forma que não sejam interpretadas de maneira distorcida sob a ótica de outras abordagens, sem ao mesmo tempo iniciar a análise do princípio, recuando até as origens das idéias austríacas em Menger, o que tornaria o trabalho excessivamente extenso.

Na tentativa de reduzir esse problema, oferecemos uma breve exposição do programa de pesquisa austríaco, fazendo uso da caracterização da ciência segundo Lakatos (1970)². Sem entrar nos méritos da abordagem lakatosiana, ela nos oferece um referencial útil para a identificação das proposições centrais e secundárias de uma escola de pensamento, que é o nosso próximo objetivo. A apresentação do núcleo, das heurísticas positiva e negativa da tradição austríaca ajudará também a entender o contexto dos problemas enfrentados por Lachmann e Kirzner.

² Um programa de pesquisa consiste num conjunto de teorias que se alteram ao longo do tempo, conforme regras de decisão metodológicas. No núcleo (*hard core*) estão as proposições fundamentais, consideradas irrefutáveis pelos cientistas pertencentes ao programa e que, portanto, permanecem ao longo do desenvolvimento do programa. Em torno deste núcleo situam-se as proposições menos fundamentais, que se alteram ao longo do tempo, constituindo o cinto protetor. A heurística positiva consiste na estratégia de desenvolvimento do programa, em termos de regras sobre o que deve ser feito. A heurística negativa consiste em regras sobre o que não fazer, de forma a proteger o núcleo de críticas. Ver Lakatos e Musgrave (ed.), 1970.

A fim de diferenciar o programa de pesquisa austríaco do programa neoclássico, exporemos o núcleo da EA a partir de elementos metodológicos³, não enfatizando as teorias propriamente ditas que são compartilhadas pelos dois programas.

Núcleo: podemos identificar o núcleo do programa austríaco pelas seguintes características:

- **Individualismo metodológico:** este preceito, compartilhado pela teoria neoclássica, busca a explicação dos fenômenos econômicos na ação dos indivíduos, e não em entidades coletivas, como por exemplo faz o historicismo. Rejeita-se da mesma forma conceitos e agregados macroeconômicos que não sejam fundamentados na ação individual. A ação humana individual é o ponto de partida para a EA.
- **Subjetivismo metodológico:** o subjetivismo da EA não se limita às preferências do consumidor⁴, mas parte da noção de ação humana baseada em planos individuais, que incorpora também as expectativas e o conhecimento em geral dos agentes econômicos, como conjecturas empresariais. Os meios e fins dos planos individuais têm sua origem na mente dos agentes, são imaginados e definidos pelas pessoas. É um subjetivismo “epistêmico”: as expectativas, o conhecimento das preferências, dos bens e as conjecturas empresariais são conhecimento falível e conjectural, imaginados pelos agentes, não sendo “dados” de antemão ao economista. A relação entre o conhecimento individual e as realidades objetivas do mercado faz parte dos problemas estudados pela EA.
- **Análise de processo:** os austríacos não centram sua análise nas propriedades de um estado de equilíbrio, mas sim no processo de trocas que levaria ou não a tal estado. Estuda a ação humana fora do equilíbrio. A análise de processo parte das conjecturas empresariais, cuja implementação leva a erros que surgem das ações baseadas em conhecimento imperfeito e prossegue estudando os mecanismos de correção de erros. A EA estuda a *ordem espontânea*⁵ do mercado, que surge da interação de indivíduos que agem conforme seus planos independentes, baseados em conhecimento imperfeito e sujeitos a mudanças inesperadas.

³ Parte do que se segue é baseado em Boettke, 1994. Ver também Dolan, 1976.

⁴ Em contraste, para Pareto (*Curso de Economia Política*), basta que se dê uma fotografia das preferências do consumidor e este pode sair de cena na análise econômica.

⁵ Para Hayek, ordem é vista como: “a state of affairs in which a multiplicity of elements of various kinds are so related to each other that we may learn from our acquaintance with some spatial or temporal part of the whole to form correct expectations concerning the rest, or at least expectations which have a good chance of proving correct”. Hayek, 1982. Ver Ikeda, 1994, citado nas epígrafes deste texto.

- **Complexidade:** A EA identifica na diversidade micro a causa fundamental de vários fenômenos econômicos. Suas teorias evitam utilizar agregados homogêneos, apontando em vez disso para as relações estruturais entre os elementos diferenciados de tais agregados: enfatiza-se a estrutura do capital em detrimento da sua quantidade total, os movimentos relativos nos preços são mais importantes do que o estudo do “nível de preços”, o conhecimento e expectativas variam conforme o agente e o sistema de preços é visto como um sistema complexo⁶ de adaptação a mudanças freqüentes e desconhecidas pelos agentes, formando uma ordem espontânea auto-organizável.

Heurística Positiva: orientada por estes preceitos básicos, a EA desenvolve teorias nas seguintes direções:

- tornar os fenômenos econômicos inteligíveis em termos de ação humana proposital, em especial o estudo dos planos individuais;
- traçar as conseqüências não intencionais da ação humana;
- lidar com as conseqüências da passagem do tempo e da imperfeição do conhecimento, como o estudo da inconsistência de planos;
- desenvolver teorias sobre a aquisição de conhecimento por parte dos agentes;
- estabelecer as condições para se admitir a existência de uma tendência ao equilíbrio;
- estabelecer as condições em que ocorrem desequilíbrio, como na teoria de ciclos;
- construir teorias com relações estruturais entre seus elementos, que dêem conta da diversidade e complexidade do fenômeno estudado.

Heurística Negativa: paralelamente a este programa positivo, os austríacos seguem regras negativas, como:

- não construir teorias que estabeleçam relações causais entre agregados e médias, sem fazer referência a ações humanas individuais;
- não construir teorias nas quais as ações humanas são completamente determinadas por situações externas, negando-se alguma autonomia à mente humana;
- não utilizar teorias que admitem conhecimento perfeito ou otimamente imperfeito;

⁶ Ver mais adiante, pág.26, como Hayek define fenômenos complexos. O grau de complexidade no mercado, para Harper (1996), se refere ao número de problemas que os agentes têm que resolver, sua diversidade e inter-relações. Da mesma forma, tendo em mente fenômenos biológicos, Dawkins (1996:6) considera que uma condição necessária para um objeto ser considerado complexo é possuir uma estrutura heterogênea.

- não desconsiderar diversidade individual dos agentes e o realismo das hipóteses (rejeita-se o instrumentalismo metodológico).

Essa caracterização procura reunir um número mínimo de elementos comuns ao pensamento dos economistas austríacos e nos será útil ao longo do trabalho na tarefa de identificar os desenvolvimentos e controvérsias ocorridos na EA moderna.

Diante dos elementos comuns aos austríacos, contudo, deve-se ter em mente a grande diversidade de posições que existe entre os seus autores, ou mesmo ao longo da obra de um economista em particular. Essa diversidade será retratada, no que concerne aos autores das gerações mais recentes, no estudo das controvérsias que ocorreram no interior da escola na década de oitenta. Devido a essas controvérsias, excluimos do núcleo do programa um elemento fundamental, que surge do pressuposto nuclear do subjetivismo. Trata-se do estudo do papel do *conhecimento* do agente econômico no processo de mercado, colocado por Hayek. Devido à grande diversidade de posturas epistemológicas e metodológicas encontradas na EA (ver, por exemplo, Feijó, 1999), parte dos economistas dessa tradição rejeita o estudo do papel do conhecimento⁷. Embora fora do núcleo, esse elemento será fundamental para a nossa análise: as diferentes posturas sobre essa questão explicarão em grande parte as diferenças entre as visões dos diferentes autores austríacos e os debates que surgiram entre eles. Fora do núcleo da EA, podemos colocar esse ponto alternativamente no núcleo do programa hayekiano de pesquisa ou no cinturão protetor da EA mais ampla. A próxima seção é dedicada à apresentação deste elemento.

1.3. Hayek e o Problema do Conhecimento

Tendo colocado as características gerais do programa de pesquisa austríaco, vejamos agora como, a partir dos escritos de Hayek das décadas de trinta e quarenta, a teoria austríaca do processo de mercado é caracterizada pelo estudo do papel que o conhecimento dos agentes

⁷ Rothbard é um dos economistas que negam o problema estudado por Hayek. Como vamos nos concentrar neste problema, não estudaremos as contribuições daquele autor.

desempenha nesse processo, estudo este que informará os desenvolvimentos realizados pelas gerações seguintes de economistas austríacos. De fato, boa parte das obras de Lachmann e Kirzner, bem como os trabalhos da geração posterior a estes dois autores, podem ser vistos como tentativas (explícitas ou não) de lidar com o problema do conhecimento colocado por Hayek. Como ficará evidente ao longo do trabalho, podemos enxergar a obra dos autores sob a ótica deste problema fundamental. Passaremos agora a estudar suas origens.

Desde o seu início, a EA desenvolveu teorias de processo de mercado, como por exemplo a teoria de Menger sobre o surgimento e evolução da moeda. No princípio da revolução marginalista, porém, os economistas austríacos não se consideravam uma escola à parte, com um programa de pesquisa diferenciado, mas sim como membros da tradição neoclássica⁸. Com o debate iniciado em 1920 por Ludwig von Mises sobre a impossibilidade do cálculo econômico socialista, contudo, começou-se a criar uma consciência de que a escola austríaca interpretava a teoria da competição de forma diferente, tratando de questões diversas das colocadas pelos demais economistas. Para Mises, o socialismo seria impraticável porque, sem um sistema de preços para bens de capital, seria impossível determinar uma alocação racional baseada na escassez relativa dos bens. Essa mesma teoria usada por Mises para criticar o socialismo foi utilizada posteriormente como base das propostas que tentariam viabilizar esse mesmo socialismo: um sistema de equações que descrevem um equilíbrio geral poderia ser utilizado para planejar uma economia real. Lange propôs uma solução do problema do cálculo baseada na instrução para as firmas minimizarem seus custos médios e operarem de forma a igualar preços oficiais a custos marginais. Tais preços eram corrigidos conforme o planejador observasse excesso de demanda ou oferta. A teoria econômica, interpretada puramente sob a ótica de equilíbrio, não teria como distinguir uma economia planificada de uma descentralizada. Com isso, os austríacos começaram a perceber que possuíam uma compreensão diferente sobre o significado dos termos e resultados da teoria microeconômica. Ao fazer frente às tentativas de solução do problema do cálculo, conhecidas como “socialismo de mercado”, a teoria austríaca de processo de mercado foi se delineando e divergindo de vários aspectos da teoria tradicional⁹, como a ênfase no processo, não em estados finais de equilíbrio, ou o significado do subjetivismo, entre outros tópicos. Em particular, a contribuição de Hayek

⁸ Mises afirma que as idéias austríacas foram incorporadas no *mainstream* e que a diferença entre as duas abordagens se referia mais a diferenças de estilo. Em obras posteriores podemos encontrar uma postura mais crítica do autor ao *mainstream*, conforme o núcleo do programa austríaco se tornava mais claro.

⁹ Para uma versão detalhada deste desenvolvimento a partir do debate do cálculo, ver Kirzner, 1992 e Lavoie, 1985. Mises aprimora suas idéias sobre o mercado como um processo, já informado pelas respostas dos teóricos neoclássicos socialistas, em seu *Human Action* e Hayek em *Individualism and Economic Order*.

ao debate critica os aspectos da teoria da competição relacionados ao pressuposto de conhecimento perfeito dos agentes¹⁰. Em que sentido poderia-se dizer que os "dados" de preferências, tecnologia, disponibilidade de recursos são de fato "dados"? Surge assim o elemento que é peça fundamental do programa de pesquisa do autor – o estudo do papel do conhecimento dos agentes no processo de mercado, do qual nos ocuparemos agora.

Em seu conhecido artigo de 1937 – “Economics and Knowledge” – Hayek distingue a teoria formal de equilíbrio e a “análise teórica sobre causação no mundo real”. A primeira consiste em que Hayek chama de Lógica Pura da Escolha. Dados os meios e os fins dos agentes, deriva-se logicamente as ações e escolhas dos mesmos: a solução está implícita na definição dos dados do problema. Essas deduções são exercícios de lógica – seus resultados são tautologias derivadas dos dados básicos da situação inicial dos agentes. Admite-se simplesmente que tais dados são conhecidos pelos agentes. Mais ainda, para um indivíduo, sua percepção de meios e fins definem subjetivamente tais dados. No entanto, se a teoria econômica pretender dizer algo sobre causalidade e processos do mundo real, aquelas pressuposições formais da teoria de equilíbrio devem ser acompanhadas de teorias sobre como os agentes aprendem e comunicam conhecimento. Com isso, a economia deixaria de ser um ramo da lógica para se tornar algo conjectural, passível, pelo menos em princípio, a teste empírico.

Hayek parte da noção de equilíbrio individual para depois estudar o equilíbrio no mercado. No primeiro caso, diz-se que as ações de um indivíduo estão em equilíbrio em relação uma a outra se elas fizerem parte de um mesmo plano. Ao fazer parte de um plano, tais ações são compatíveis entre si. Como os “dados” do problema são definidos subjetivamente pelo agente, o equilíbrio é conhecido, dedutível a partir desses dados. Não se coloca a questão de verificar se os dados subjetivos correspondem à realidade exterior. Um equilíbrio permanece enquanto o agente não alterar o seu conhecimento sobre essa correspondência, caso este em que os dados subjetivos se alteram. Se isso ocorrer, ações tornam-se incompatíveis entre si e revisões de planos devem ocorrer.

Como o equilíbrio é uma relação entre ações e estas se sucedem no tempo, o conceito de equilíbrio só teria significado num contexto temporal. Nota-se que o autor pensa não em termos de equilíbrio estático, mas em termos de um processo de mercado que evolui no tempo e envolve alterações do conhecimento dos agentes. Nesse sentido, Boland (1978:240) define o que ele chama de “problema de Hayek”: como podemos explicar o processo de mudança em

¹⁰ Os artigos de Hayek que estudaremos foram inspirados pelo debate, sendo, contudo, mais gerais. Deixaremos de lado os artigos especialmente voltados para a controvérsia do cálculo.

economia e permanecermos consistentes com os princípios da decisão individual racional? Ou, em outros termos, o problema de Hayek investiga teorias do crescimento do conhecimento dos agentes.

Quando passamos do caso isolado para um grupo de pessoas, Hayek define o equilíbrio em termos de compatibilidade de planos individuais. Neste caso, surge o problema de que os dados não são mais subjetivos: cada plano deve levar em conta a ação dos demais indivíduos. O que é “dado subjetivo” para um agente passa a ser um dado externo para os demais. Segundo Hayek, para haver compatibilidade de planos, os agentes devem formar expectativas iguais sobre a mesma realidade exterior e expectativas corretas sobre as ações dos outros indivíduos. Isto soma mais uma dificuldade a questão da compatibilidade dos dados subjetivos à realidade externa que apontamos no caso no indivíduo isolado, pois agora deve-se considerar não apenas a relação homem/natureza, mas também a relação homem/homem. Na teoria de equilíbrio de mercado, essas dificuldades são evitadas com o pressuposto de que os mesmos “dados” de preferências, disponibilidade de recursos, preços e tecnologias são conhecidos por todos os agentes. Na transição do indivíduo para a sociedade, o termo “dado” apresenta uma mudança de significado que viciaria a análise, pois não seria mais legítimo pensar em dados em termos puramente subjetivos.

Em primeiro lugar, para Hayek, deve-se perguntar para quem os “dados” são dados. Por um lado, não se deve confundir o conhecimento dos agentes com o conhecimento do economista. Trataremos desta questão mais adiante. Por outro lado, como vimos, coloca-se a questão de saber se os “dados” são subjetivos ou objetivos. Uma das principais tarefas da economia deveria ser justamente investigar a relação entre conhecimento e realidade, tendo em vista as questões do mercado:

[the] question why the data in the subjective sense of the term should ever come to correspond to objective data is one of the main problems we have to answer (Hayek, [1937] 1980:39).

Numa situação de equilíbrio, os agentes estão corretos sobre as ações dos demais indivíduos e sobre as demais realidades exteriores. Deve-se notar que esse conceito de equilíbrio não se limita a uma economia estática: o equilíbrio mantém-se desde que os agentes possam prever as mudanças que ocorrem na economia: se eu conheço o que vai mudar, eu não altero meus planos, que já incorporam esse conhecimento da mudança. O importante, contudo, é notar a dependência do estado de equilíbrio de questões sobre o conhecimento dos agentes e da relação entre este conhecimento e a realidade subjacente. A conclusão principal disso refere-se à questão de que a afirmação da existência de uma tendência para o equilíbrio depende de como

os agentes adquirem conhecimento, não sendo mais a economia um exercício de lógica pura. O resultado do processo de mercado varia conforme alteramos a forma que pensamos que os agentes aprendam. Entre as novas questões colocadas, deve-se estudar “(a) sob que condições essa tendência ao equilíbrio existe e (b) a natureza do processo pelo qual o conhecimento individual é mudado” (Hayek,1980:45).

Hayek não oferece uma solução acabada para o problema do crescimento do conhecimento individual no mercado, oferecendo em seu lugar algumas observações e questões importantes, que podem ser utilizadas como elementos de uma solução. Em primeiro lugar, para que haja um aprendizado – convergência dos dados subjetivos à realidade subjacente – é necessária alguma regularidade do ambiente. Em segundo lugar, deve-se perguntar em que circunstâncias os agentes alteram seus planos. Temos duas possibilidades: ou ocorrem mudanças de gostos (o que não interessa ao economista), ou os agentes aprendem novos fatos. Estes podem ser apreendidos por acidente: a descoberta não foi parte da busca proposital contida em seus planos, ou ocorre que os dados subjetivos dos agentes se revelam diferentes da realidade, frustrando suas expectativas. Vislumbramos aqui um processo de aprendizado por tentativas e erros que ocupará papel central no resto de nosso trabalho. Em terceiro lugar, Hayek sugere que o estudo de instituições transmissoras de conhecimento, como imprensa e publicidade, deveria receber mais atenção do economista. Além disso, Hayek observa que o conhecimento relevante não é relativo apenas a preços, presentes ou futuros, mas no sentido mais amplo da correspondência dos dados subjetivos às realidades objetivas, como, por exemplo, conhecimento de como e em que circunstâncias os bens podem ser adquiridos e usados. Finalmente, temos o problema da *divisão do conhecimento*: como, pergunta o autor, a interação de pessoas diversas, cada uma delas possuindo apenas uma pequena fração do conhecimento total, resulta numa *ordem espontânea*, que apresenta regularidades, como a convergência de custos e preços, sem direção central que possua todo o estoque conhecimento da sociedade necessário para utilizar em seus cálculos? Isso é usualmente conhecido como “problema do conhecimento” de Hayek¹¹.

O problema do uso do conhecimento disperso é o tema do seu artigo de 1945, “The Uses of Knowledge in Society” . Para tratar desse problema, Hayek desenvolve a sua distinção que mencionamos acima entre conhecimento científico do economista e conhecimento localizado do agente econômico. O primeiro é um conhecimento genérico, aplicável a qualquer

¹¹ Neste trabalho chamaremos isso de problema do *uso* do conhecimento, reservando para a outra expressão o problema mais geral da correspondência entre os dados subjetivos e a realidade objetiva do mercado.

circunstância e possivelmente partilhado pela comunidade científica, enquanto último se refere ao conhecimento das “circunstâncias particulares de tempo e lugar”, com as quais os indivíduos se defrontam, sendo este um conhecimento específico a cada agente. Qual seria a natureza desse conhecimento prático? Hayek dá como exemplos tanto o conhecimento particular dos arbitadores sobre oportunidades específicas de lucro ou o conhecimento sobre particularidades de um cargo específico que um funcionário de uma firma assuma, quanto as habilidades desenvolvidas pelas pessoas ao longo da vida. Como Hayek não é mais explícito sobre essa questão, surgem duas interpretações na literatura. Alguns autores como Gray (1998), Lavoie (1985a, 1985b) e Caldwell (1997) enfatizam a natureza tácita, não articulável¹² do conhecimento, de forma semelhante ao estudado nos trabalhos de Michael Polanyi e Gilbert Ryle, embora Hayek não utilize em momento algum a noção de conhecimento tácito no seu artigo de 1945¹³. Por outro lado, autores como Boland (1978) enfatizarão a aplicabilidade limitada, particular e dispersa, do conhecimento individual, podendo este ser articulável. No último capítulo deste trabalho contrastaremos ambas as interpretações, especulando sobre quais circunstâncias cada tipo de conhecimento é o mais relevante, conforme o tipo de problema que for abordado.

Mas qual é o uso e a importância deste conhecimento das circunstâncias particulares de tempo e local em contraste com o conhecimento científico? Quanto mais importantes forem as mudanças no processo de mercado, mais importante será o conhecimento localizado. Se não houvesse mudança, o problema do planejador central seria resolvido com facilidade: só seriam necessários um plano e um conjunto de decisões iniciais, seguidos da mera execução e repetição do plano. Mas a complexidade do mundo real impõe a necessidade de mudanças constantes de planos, conforme ocorram mudanças diárias na economia. Quão fácil, aponta Hayek, é para um administrador dissipar os diferenciais sobre os quais os lucros se baseiam e quão difícil é manter no dia-a-dia os custos em um nível estável. As pequenas alterações do mundo real são específicas a cada caso e não são passíveis de detecção em estatísticas. Essas observações, triviais para um administrador, parece não ser notada pelo economista, devido à confusão do conhecimento prático com o teórico. Para Hayek, ao contrário, o conhecimento localizado é fundamental para o funcionamento de uma economia:

¹² As pessoas sabem como andar de bicicleta; no entanto, desconhecem os processos físicos e musculares necessários para tal. Elas sabem "como", mas não sabem "por que". Esse tipo de conhecimento se denomina tácito.

¹³ Em trabalhos posteriores de Hayek (1982), contudo, pode-se encontrar referências ao conhecimento tácito. Ainda assim, enfatiza-se o segmento de regras morais e legais que são úteis para o indivíduo sem que este saiba que segue tais regras ou saiba de sua utilidade, e não o conhecimento tácito de particularidades do mercado.

...the economic problem of society is mainly one of rapid adaptation to changes in the particular circumstances of time and place (Hayek, [1945] 1980:83).

Uma vez estabelecido o tipo de conhecimento relevante para sua análise, Hayek indaga sobre qual é o conhecimento específico que os agentes necessitam possuir para realizar seus planos individuais, de tal forma que suas atividades sejam coordenadas no mercado. O sistema de preços, aponta o autor, tem um papel economizador de conhecimento que possibilita tal coordenação. Hayek exemplifica com seu famoso exemplo do estanho. Se um novo uso para o estanho foi encontrado ou uma fonte de oferta do metal se esgotou, os demais agentes economizam estanho sem ter qualquer conhecimento – e sem precisar ter este conhecimento – sobre qual dessa duas hipóteses de fato ocorreu. A elevação do preço do estanho desencadeia uma série enorme de ajustes, envolvendo milhares de pessoas que desconhecem o que ocorre no processo como um todo. O sistema de preços funciona como um sistema de telecomunicações que coordena as atividades individuais, resultando em adaptações a mudanças constantes de situações particulares. O resultado da interação social sob o sistema de preços é um exemplo de formação de uma *ordem espontânea*, cujo estudo ocupará boa parte de sua obra posterior¹⁴.

Hayek aplica estas considerações sobre o papel do conhecimento na economia ao estudo da competição no mercado. Em “The Meaning of Competition” [1946], Hayek critica a teoria da competição perfeita derivada da análise de equilíbrio e a contrasta com a noção de competição pertinente a um processo de mercado, que se aproxima do uso da palavra “competição” na linguagem comum. A teoria da competição perfeita, nota Hayek, exclui todas as atividades consideradas competitivas pelo senso comum, como variação de produtos, promoções ou disputa por credibilidade.

Ao se avaliar a competição no mundo real conforme os padrões da teoria da competição perfeita, realizar-se-ia uma extensão ilegítima da análise tautológica de equilíbrio para processos sociais que ocorrem no tempo. O primeiro método ignora o problema que indaga como os “dados” dos diferentes agentes se ajustam ao longo do tempo aos fatos objetivos da realidade. Ignora o problema do crescimento do conhecimento no mercado. Com isso, a teoria

¹⁴ Autores como Grossman e Stiglitz (por exemplo, 1976) costumam realizar uma interpretação distorcida do significado dessas idéias de Hayek, interpretando-as sob uma ótica estritamente neoclássica. Segundo esses autores, Hayek estaria dizendo que preços de equilíbrio comunicam informação e só esses preços assim o fazem. Na verdade, para Hayek, numa ótica de processo, é precisamente fora do equilíbrio que os preços são necessários para transmitir informação (imperfeita e interpretável), através de um sistema de feedback que corrige erros, não se obtendo nada parecido com um estado ótimo de Pareto. Para uma crítica a interpretação de Stiglitz e a literatura de economia de informação em geral, sob o ponto de vista da teoria de processo de mercado, ver Thomsen, 1992.

da competição perfeita assume como existente um estado de coisas que apenas o processo competitivo tende a revelar. Ao tomar esse estado de coisas como certo, como dado, os elementos fundamentais da competição são desconsiderados na análise:

Competition is by its nature a dynamic process whose essential characteristics are assumed away by the assumptions underlying static analysis. (Hayek, [1946]1980:101)

O pressuposto de conhecimento perfeito, em especial, considera "dado" aquilo que seria o fruto mesmo do processo competitivo, escondendo a verdadeira natureza desse processo. Por exemplo, assume-se que um produtor sabe de antemão qual é o menor custo para produzir um produto, quais são as necessidades dos consumidores e quais produtos que de fato atenderão tais necessidades. O consumidor, por outro lado, sabe quais são as alternativas disponíveis para seu consumo. Todo esse conhecimento, afirma Hayek, na verdade surge no processo competitivo, através da publicidade e de outras atividades competitivas que ocorrem no mercado.

Mas qual seria o elemento fundamental da atividade competitiva? A competição é a atividade na qual os agentes rivalizam na descoberta de quais são aqueles gostos, custos e tecnologias mencionados; é uma atividade de solução de problemas (1980:96) através de um processo de tentativas e erros no mercado (1980:100), que gera um aprendizado sobre como atender melhor as necessidades das pessoas:

The real problem in all this is not whether we will get *given* commodities or services at *given* marginal costs but mainly by what commodities and services the needs of the people can be most cheaply satisfied. The solution of the economic problem of society is in this respect always a voyage of exploration into the unknown, an attempt to discover new ways of doing things better than they have been done before (Hayek, [1946]1980:101).

Se o conhecimento não é perfeito, o processo competitivo deve descobrir, entre outras coisas, o que produzir. A hipótese de homogeneidade do produto, se for defendida normativamente – e adotada –, pode bloquear o processo de descoberta ao impedir tentativas de descoberta do desconhecido. Para Hayek, quanto mais “imperfeitas” (na verdade, complexas) forem as condições objetivas de um mercado, mais o processo competitivo é necessário e mais a competição se afasta do modelo competitivo tradicional. No mercado de um produto padronizado, ao contrário, no qual o conhecimento é mais difundido e certo do que em mercados mais complexos, existiria menor necessidade de um processo competitivo de descoberta.

A competição como um processo de descoberta é justamente o título de um artigo posterior ([1968]1978) de Hayek. Nesse artigo, veremos que o conhecimento não só é disperso, como também falível: a competição no mercado leva a um processo de correção de erros.

Se a competição é um processo de descoberta, parte-se de uma situação inicial de ignorância dos dados. A competição, para Hayek, deve ser justificada precisamente porque não sabemos de antemão os fatos que determinam as ações dos competidores. Se os dados fossem previamente conhecidos, a competição seria inútil e desinteressante. A mesma coisa ocorre com testes ou esportes: não tem sentido realizá-los se se conhece o resultado de antemão. Dessa observação Hayek deriva duas conclusões fundamentais: (a) a competição tem valor somente porque seus resultados são desconhecidos e diferentes daqueles que se poderia imaginar antes do processo competitivo e (b) deve haver desapontamento de algumas expectativas para que os efeitos benéficos da competição ocorram. Vejamos mais de perto essas conclusões.

Da primeira afirmativa, Hayek deriva importantes conclusões metodológicas. Pode-se concluir que, nos casos interessantes, é impossível testar empiricamente a validade da teoria da competição. No caso interessante – no qual não sabemos o que será descoberto – é impossível avaliar quão eficaz seria a competição no processo de descoberta, pois não podemos avaliar hoje algo que não conhecemos e será descoberto amanhã. Por outro lado, numa situação artificial, em que já conhecemos o que foi descoberto, o teste da teoria subestima a realização da descoberta por considerá-la como dada. Se não sabemos o que será descoberto, a teoria da competição não pode gerar previsões acuradas do que ocorrerá. O mesmo ocorre com discussões metodológicas: não se pode rejeitar a metodologia argumentando que ela é incapaz de prever que teorias serão criadas. Em ambos os casos, pode-se no máximo realizar *previsões de padrões (pattern predictions)*, que estabelecem características gerais dos processos competitivos – no mercado e na ciência – sem realizar previsões precisas. Mais adiante estudaremos em mais detalhes o que Hayek quer dizer com previsão de padrões como o método para estudar processos de mercado.

Com esta comparação entre ciência e mercado, Hayek desenvolve a idéia que ocupará grande parte do nosso quinto capítulo. Para Hayek, a competição no mercado e o processo do crescimento do conhecimento na ciência são métodos semelhantes de descoberta de fatos, diferindo na natureza dos fatos: fatos genéricos, neste último caso, ou fatos sobre situações particulares de tempo e lugar, no primeiro. Esse paralelismo surge naturalmente se tivermos em mente o problema do conhecimento de Hayek, que trata da relação entre “dados” subjetivos e realidades subjacentes do mercado. Em ambos os casos existem pessoas (cientistas, empresários) procurando entender o mundo.

A competição no mercado seria então um processo de descoberta de fatos concernentes a situações particulares de tempo e lugar. Para estudar a natureza desse processo competitivo,

Hayek utiliza a distinção entre catalaxia e economia. A economia seria “uma organização ou arranjo no qual alguém deliberadamente aloca recursos a uma ordem única de fins”, enquanto a catalaxia se refere a uma ordem espontânea na qual ocorre a interação entre indivíduos com suas escalas de prioridades diversas. Para Hayek, não se pode avaliar uma catalaxia segundo os critérios com que se avalia uma economia, pois em uma catalaxia não se alocam recursos conforme uma escala de valores única. Enquanto numa economia o conhecimento do organizador é o relevante e os demais membros seguem o plano do primeiro, numa catalaxia utiliza-se o conhecimento disperso de todos os agentes, segundo seus propósitos diversos. A competição numa catalaxia, desta forma, não pode ser avaliada conforme critérios de optimalidade: não se pode dizer que a catalaxia tenha um propósito. Em seu lugar, Hayek propõe como critério de avaliação a eficácia com que os membros da catalaxia realizam seus objetivos. Nas palavras de Hayek, “as chances para qualquer indivíduo escolhido aleatoriamente atinjam seus fins tão efetivamente quanto possível (Hayek, 1978:258)”¹⁵. Ou ainda, a competição na catalaxia aumenta a coordenação entre as atividades dos seus membros.

Chegamos agora à conclusão (b) – referente a frustração das expectativas. Para Hayek, a competição não leva a um estado de equilíbrio, no qual tudo já foi descoberto e a competição cessa. O processo competitivo, ao contrário, leva a uma ordem espontânea de mercado, no qual existe um mecanismo de correção de erros e de ajustes, como no exemplo do estanho. O mercado, como já tinha identificado Adam Smith com sua mão invisível, é um sistema auto-organizável que leva à coordenação das atividades individuais. A frustração de algumas expectativas no processo competitivo e a correção destes erros constituem um mecanismo de retroalimentação negativa que leva a uma posterior convergência das expectativas. Essa convergência surge do processo de correção de erros. O processo se inicia, contudo, do conhecimento divergente e provavelmente errôneo dos agentes.

Até o momento vimos como o conhecimento local, incompleto, tácito, disperso e falível deveria alterar, segundo Hayek, a análise econômica usualmente preocupada com o equilíbrio. Agora resta analisar mais um elemento da visão hayekiana, aplicável tanto ao conhecimento do agente quanto ao conhecimento do economista: a relação entre o conhecimento e a complexidade do assunto estudado, que prescreverá o método de “previsão de padrões” como adequado para a teoria de processo. Isso será de grande importância para avaliarmos posteriormente as contribuições de Lachmann e Kirzner.

¹⁵ Esta proposta é a base da crítica da teoria de bem estar realizada por Kirzner, conforme veremos no capítulo 3.

Em “The Theory of Complex Phenomena” ([1964] 1967c), Hayek classifica as ciências conforme o grau de complexidade de seus objetos de estudo. A complexidade de um fenômeno ou padrão é definida como “o número mínimo de elementos que um exemplo do padrão deve consistir de forma a exibir todos os atributos característicos da classe de padrões em questão” (Hayek, 1967c:25). Uma teoria física geralmente contém poucas variáveis, sendo capazes de explicar e prever com bastante precisão um fenômeno. Conforme entramos no campo da biologia, da psicologia e das ciências sociais, geralmente não é possível construir uma teoria com um número pequeno de variáveis que gere previsões precisas sobre um evento¹⁶. Nesses campos é difícil a obtenção de sistemas isolados, com poucos pontos de contato com outros sistemas. Devido a isso e à multiplicidade de elementos necessários para explicar um fenômeno complexo, é impossível serem obtidos todos os dados necessários para se realizar previsões precisas. Além disso, a estatística seria impotente no tratamento de padrões complexos, pois ela evita o problema da complexidade desconsiderando as relações entre elementos de uma estrutura¹⁷, que é fundamental na explicação de fenômenos complexos. Aqui entra em cena o quarto elemento do que indicamos como pertencente ao núcleo da tradição austríaca.

Com isso Hayek efetua a dissociação entre explicação e previsão, presente na literatura moderna de metodologia da ciência, que se preocupa com fenômenos complexos nas ciências naturais¹⁸. No modelo de Hempel, dada uma lei e as condições iniciais, pode-se prever o futuro de um sistema. A explicação seria simétrica a previsão, basta inverter a direção do tempo. Contudo, uma teoria que lida com fenômenos complexos, para os quais é impossível conhecer a situação inicial com a precisão requerida (pequenos detalhes são importantes no resultado final), não precisa ser totalmente desprovida de conteúdo empírico. Hayek modifica a metodologia popperiana, adaptando-a a teorias sobre fenômenos complexos. Tais teorias ainda podem realizar *previsões de padrões*. Embora não saibamos a configuração realizada (que de fato ocorreu) de um padrão em toda a sua riqueza de detalhes, podemos reconhecer e prever elementos típicos do padrão. Hayek dá o exemplo de seu tapete: se disser que existe em seu escritório um tapete com padrões de diamantes e linhas, seremos capaz de reconhecê-lo sem

¹⁶ Naturalmente, em Física, com uma composição de fenômenos simples podemos obter o grau de complexidade que desejarmos, observa Hayek. Isto é de fato o que ocorre com parte das ciências naturais modernas. Para a opinião contrária, ou seja, que o mundo natural é mais complexo que o humano, ver *A Miséria do Historicismo* de Popper.

¹⁷ Como ilustração, considere o seguinte: quando uma pessoa tem um pensamento, impulsos elétricos passaram por caminhos específicos entre os neurônios de seu cérebro. A estrutura da rede é fundamental: medir, estatisticamente, uma corrente elétrica média do cérebro, uma resistência elétrica média e aplicar um ddp correspondente em suas tēmporas não fará com que a pessoa tenha o mesmo pensamento!

¹⁸ Ver, por exemplo, Prigogine, I e Stenger, I (1984).

sabermos de antemão a disposição precisa desses elementos. Com este reconhecimento de padrões, poderemos refutar previsões que são baseadas em tais elementos do padrão.

Embora um número enorme de eventos particulares possa se encaixar na previsão de padrão, um número maior ainda de eventos ou configurações é proibido pelas teorias¹⁹. Seguindo Popper, Hayek identifica o conteúdo empírico de teorias pelo conjunto de eventos que a teoria proíbe, adaptando essa idéia ao estudo dos fenômenos complexos. Hayek ilustra com exemplos da teoria da evolução das espécies de Darwin e da teoria econômica. No primeiro caso, a teoria da evolução não diz quais são as particulares formas de vida – entre a infinidade de formas possíveis – que sobreviverão à seleção natural e evoluirão. A teoria descreve apenas o mecanismo de seleção. É o que se pode chamar de “teoria algébrica”, que estabelece padrões sem especificar seu conteúdo específico. Contudo, a teoria realiza certas previsões de padrão testáveis: se cortarmos a pata traseira de sucessivas gerações de cachorros, não esperamos que as novas gerações comecem a nascer sem essa pata. Em economia, já vimos como no estudo da competição como um processo de descoberta o analista não deveria procurar estabelecer os dados – o que será descoberto – mas sim as características gerais do processo competitivo. Da mesma forma, seria absurdo, segundo Hayek, determinar exatamente todos os parâmetros necessários para resolver na prática um sistema de equações de um equilíbrio geral, sendo o propósito da teoria mostrar as inter-relações que existem no sistema econômico. O tipo de previsão gerada pela teoria depende de fatos gerais, como: as pessoas realizam trocas para obter renda, as pessoas preferem rendas maiores a menores, existe entrada livre, entre outros fatos, mas não os fatos particulares de tempo e local necessários para realizar uma previsão detalhada do resultado de um processo de mercado específico. Por exemplo, pode-se prever os efeitos de um controle de preços em termos de um excesso de demanda ou oferta; no entanto, uma previsão mais acurada da magnitude dos efeitos dependeria de um volume assustador de dados referentes às circunstâncias particulares de tempo e lugar.

Ao tratar de fenômenos complexos, abdicando-se de um estrito determinismo, o teórico enfrenta um *trade-off*: perde-se conteúdo empírico, mas evita-se oferecer uma visão errônea ou excessivamente distorcida do fenômeno estudado:

The advance of science will thus have to proceed in two different directions: while it is certainly desirable to make our theories as falsifiable as possible, we must also push forward into fields where, as we advance, the degree of falsifiability necessarily decreases. *This is the price we have to pay for an advance into the field of complex phenomena.* (Hayek, 1967c:29, grifo nosso)

¹⁹ Como coloca Dawkins (*The Blind Watchmaker*), embora existam infinitas formas de se estar vivo, existe uma infinidade maior ainda de formas de se estar morto

Com isso Hayek se afasta de dois extremos metodológicos. De um lado, evita o apriorismo de Mises, que afirma que a teoria econômica é verdadeira por ser constituída de derivações lógicas a partir da noção auto-evidente e irrefutável de ação humana proposital. Por outro lado, evita o empiricismo positivista que caracteriza grande parte da economia moderna²⁰.

“Economics and Knowledge”, ao admitir que os resultados da teoria econômicas não decorrem com certeza de axiomas irrefutáveis, marca a distinção entre as metodologias de Hayek e Mises. Para Hayek, os teoremas da economia não são válidos *a priori*. Conforme postulamos diferentes teorias de aprendizado dos agentes, podemos ter resultados teóricos diversos. Em outros termos, a teoria econômica é falível e conjectural e não válida *a priori*. As conjecturas teóricas sobre o processo de aprendizado deveriam ter suas relevâncias checadas tendo em vista a realidade. Checar empiricamente fenômenos complexos, no entanto, é tarefa muito difícil. Tendo em vista a metodologia desenvolvida no seu artigo sobre fenômenos complexos, podemos imaginar que esse caráter “empírico” não se refere a observações históricas de como cada agente adquire conhecimento no mercado ou a teste das configurações específicas que o conhecimento localizado assume, mas sim testes de padrões referentes ao funcionamento de mecanismos de crescimento do conhecimento, sem fazer referência a processos específicos de aprendizado. Por exemplo, pode-se estudar que condições institucionais favorecem o crescimento do conhecimento, através da sujeição desse conhecimento a críticas. Não se trata de realizar estudo histórico de como determinados agentes adquiriram um conhecimento específico. De fato, no artigo de 1937, Hayek afirma que observações empíricas sobre o crescimento do conhecimento provavelmente não contribuiriam em nada com o estudo teórico do problema. Ao interpretar a metodologia de Hayek no sentido empiricista, ou seja, como se fosse uma questão de investigar como agentes particulares aprenderam no mercado, veremos no capítulo 4 que um conjunto de economistas austríacos ligados ao nome de Rothbard rejeita o problema do conhecimento, afastando-se do programa de pesquisa austríaco informado por esse problema, desenvolvendo o apriorismo de Mises. As diferentes interpretações sobre o problema do conhecimento nortearão o que cada autor considera como apropriado para o desenvolvimento da teoria de processo de mercado.

Agora podemos explicitar como os desenvolvimentos da EA moderna refletem o problema do conhecimento. Nos próximos capítulos, veremos que Kirzner oferece uma teoria que procura lidar com o problema de Hayek por meio de uma teoria da atividade empresarial. A ação do

²⁰ Ver Caldwell, B. *Beyond Positivism*. Londres: Allen & Unwin, 1982.

empresário leva à identidade progressiva entre o seu conhecimento e as realidades subjacentes do mercado. Tal teoria, porém, não trata adequadamente o caráter criador e conjectural da ação empresarial. A ação empresarial, na verdade, baseia-se em hipóteses conjecturais imaginadas pelos empresários. Tal aspecto será enfatizado por Lachmann em sua versão da teoria de processo. Esse autor, por sua vez, desconsidera o papel das realidades subjacentes, tendendo a um niilismo teórico. Aprofundaremos esses aspectos nos próximos capítulos e analisaremos o debate entre os dois autores no capítulo 4. Finalmente, no último capítulo, tentaremos a conciliação dos dois autores, voltando-nos para solução do problema do conhecimento de Hayek que entendemos mais próxima da visão original do próprio Hayek sobre o processo de mercado, utilizando a metodologia de Popper modificada por Hayek no sentido de incluir as implicações do estudo de fenômenos complexos. Dedicaremos a próxima seção à apresentação dessa metodologia.

1.4. Popper e o Problema do Conhecimento

A seção anterior nos mostrou como Hayek coloca o estudo do conhecimento dos agentes no centro da análise econômica: a economia, para abordar os problemas colocados por Hayek, deve ter como um de seus objetos de estudo a análise do crescimento do conhecimento. Da mesma forma que a filosofia da ciência estuda o conhecimento científico, a economia deve estudar o conhecimento dos agentes econômicos. Por conseguinte, não podemos nos esquivar dos temas da filosofia da ciência ao estudarmos o problema do conhecimento de Hayek. Neste trabalho faremos uso das idéias de Popper (e Hayek) sobre metodologia, não só para analisar as teorias de Lachmann e Kirzner, mas principalmente as utilizaremos no último capítulo como solução mesma do problema econômico do conhecimento colocado por Hayek.

Acreditamos que as idéias de Popper são adequadas para analisar os problemas do crescimento do conhecimento no mercado tratados por Hayek e pela geração seguinte de economistas austríacos. As críticas às obras de Lachmann e Kirzner que faremos ao longo do trabalho se basearão na concepção popperiana sobre o conhecimento. Além disso, como vimos na seção anterior, Hayek adota uma postura metodológica próxima de Popper²¹, modificando o critério

²¹ A relação entre os dois amigos é bastante complexa e seus pontos de vista divergem em vários pontos. Abundam interpretações sobre tal relação. Gray (1998) estuda a influência de Popper em Hayek, Moreira (1992) defende a idéia de que em ciências sociais Popper é hayekiano e em ciências naturais Hayek é popperiano. Hutchinson (1981) divide a obra de Hayek em duas fases, sendo a segunda marcada pelas influências de Popper a partir do *Economics and Knowledge*. Caldwell, por outro lado, qualifica a influência de Popper em Hayek como perniciososa.

falsificacionista quando o analista se vê diante de fenômenos complexos. Vários outros elementos da metodologia de Hayek se identificam com as posições popperianas. Como esses elementos farão parte da análise futura, é necessária uma pausa para apresentar uma breve descrição de alguns elementos da filosofia de Popper que serão utilizados daqui em diante.

Não se trata, contudo, do Popper popularizado em livros-texto, que se concentra no critério de demarcação entre ciência e não-ciência, mas do Popper que enfatiza o racionalismo crítico, encontrado em obras como *Objective Knowledge*. Boland (s/d. a) identifica essas duas visões de Popper: a primeira ele chama de "Popper popular" e a segunda, de "Popper socrático". A primeira distorce o pensamento do autor e esconde as contribuições mais fundamentais da segunda. Esse fato, fonte de inúmeros mal entendidos, torna necessária a pausa no nosso assunto principal para escrever esta seção.

Para Popper, a racionalidade da ciência não repousa na possibilidade de obtenção de conhecimento justificado (ou provado como certo) em termos de alguma autoridade irrefutável. As filosofias que têm a pretensão de obter tal conhecimento foram classificadas por Bartley (1964) como filosofias justificacionistas. Ao longo da história houve alguns candidatos a autoridades últimas em termos de geração de conhecimento incontestado, como o apelo a uma intuição válida *a priori*, da qual se derivariam dedutivamente conhecimento válido, ou a autoridade dos dados empíricos, dos quais se derivariam indutivamente os resultados da ciência. Popper aponta para a fragilidade dessas bases pretensamente sólidas. A refutação de teorias científicas bem estabelecidas e a impossibilidade de se resolver o problema de Hume da justificação da indução minaram a possibilidade de se obter conhecimento justificado.

O racionalismo justificacionista, afirma Bartley, não tem como escapar às críticas de duas posições anti-racionalistas: fideísmo ou niilismo. Essas posições, que identificam o racionalismo com a possibilidade de justificação, tendem a negar o primeiro, pois fracassam na tentativa de encontrar conhecimento devidamente justificado. O niilista argumenta que tentativas de justificar alguma afirmativa sempre leva a pressupostos de ordem superior, que por sua vez são sujeitos à mesma pergunta – como provar isso? – caindo-se num regresso infinito. Um fideísta, desafiado por esse regresso, pára o processo justificador em algum ponto, afirmando a infalibilidade de um determinado pressuposto.

O racionalismo, no entanto, pode ser defendido em bases não-justificacionistas. Popper foi o primeiro a apresentar uma filosofia na qual a racionalidade da ciência não se baseia na justificação das suas afirmações, mas na postura crítica em relação às mesmas. Tais afirmações,

bem como as suas críticas, constituem-se em conhecimento falível, impossível de justificação positiva. A isso chamou-se de *racionalismo crítico*. Vejamos mais de perto a caracterização de Popper de como se dá o crescimento do conhecimento científico em bases falibilistas.

A ciência sempre parte de hipóteses, não de observação crua. Para Popper não existem dados independentemente de uma teoria. Uma observação, um dado sensorial, pressupõe uma estrutura teórica anterior, por mais rudimentar que seja, que define o que se quer observar, ou, em outras palavras, as observações são vistas como impregnadas de teoria (*theory-laden*). As hipóteses são consideradas tentativas de resolver um problema. No sistema popperiano é central a noção de que o crescimento do conhecimento deva ser visto como um processo de solução de problemas. Essas tentativas, que resultam em hipóteses e teorias, são sempre conjecturais. Sua verdade não pode nunca ser demonstrada.

Embora não se possa justificar as hipóteses, ainda assim é possível submetê-las a teste. É no rigor dos testes e na submissão das hipóteses à crítica que reside o caráter racional da ciência. O *modus tollens* da lógica permite afirmar que, se encontrarmos um contra-exemplo de uma previsão derivada de uma hipótese, esta estaria refutada. Conforme mais complexa for a hipótese estudada, mais difícil é uma refutação conclusiva. O método crítico deve ser estendido, portanto, ao próprio processo de críticas. Nenhum conhecimento é justificável. Isso é o que Bartley (1987) chama de racionalismo pan-crítico. No entanto, quanto maior for a intensidade das críticas, quanto maior a disposição de aprender com os próprios erros, maior será o progresso da ciência. O racionalismo crítico consiste em um diálogo socrático - nos termos de Boland (s/d a) - no qual o critério estrito de falsificação é menos importante do que a adoção de uma postura não dogmática.

A ciência é descrita como um processo de resolução de problemas composto por tentativas e erros ou conjecturas e refutações. Ao reconstruir uma teoria, Popper utiliza o método da *análise situacional*, que consiste justamente em investigar quais eram os problemas com que os cientistas se depararam, como as hipóteses formuladas resolviam ou não tais problemas, e como o processo de crítica levou a novas hipóteses que, por sua vez, resultaram em novos problemas. Esse processo de aprendizado, descrito inicialmente no contexto da ciência, é aplicado por Popper (1972) aos processos de resolução de problemas em outras esferas, como por exemplo

em biologia. No capítulo final estenderemos também a análise na resolução de problemas no mercado²².

Outro elemento fundamental da filosofia é o seu realismo. Para Popper, existe uma realidade objetiva independentemente de nossos pensamentos. Por um lado, não há uma ponte direta entre a realidade existente e o nosso conhecimento sobre essa realidade, como quer boa parte dos realistas. Por outro lado, as idéias são tentativas (imperfeitas) de se captar algo que existe de fato no mundo real e procuram fazer referência a algo real, ao contrário do que quer parte dos idealistas e convencionalistas. Nota-se a postura semelhante à de Popper, encontrada no tratamento do problema do conhecimento de Hayek, ao se propor o estudo da convergência do conhecimento dos agentes em relação às realidades subjacentes do mercado.

O realismo de Popper não se limita ao mundo externo das coisas físicas, ao que ele chama de Mundo 1, mas é estendido ao mundo subjetivo da consciência (Mundo 2) e ao mundo das idéias (Mundo 3). As hipóteses são entidades reais, existentes independentemente do seu criador. O conhecimento é em certo sentido objetivo, não subjetivo. Isto é assim por causa da ênfase do pensamento do autor na atividade crítica: se as idéias forem privadas, subjetivas – pura expressão do seu formulador – elas não seriam passíveis de análise crítica²³. Isso é de fundamental importância para analisarmos posteriormente a natureza do "conhecimento das circunstâncias particulares de tempo e lugar" a que Hayek se refere.

O racionalismo não justificacionista, o realismo, o caráter conjectural das hipóteses e um mecanismo de correção de erros que caracterizam a filosofia de Popper são todos elementos encontrados em Hayek e que serão utilizados daqui para a frente em nossa análise da teoria de processo de mercado. Munidos com essas ferramentas metodológicas, podemos daqui em diante aplicá-las ao nosso assunto, para o qual voltamos agora.

1.5. O ressurgimento da Escola Austríaca na década de setenta

As idéias sobre o processo de mercado desenvolvidas por Mises e Hayek foram retomadas e desenvolvidas por Ludwig Lachmann e Israel Kirzner. Porém, antes de abordar suas obras,

²² Boland (s/d b) nota a semelhança entre Popper e Hayek, comentando sobre o primeiro: "a idéia de enfatizar processo e direção soa para mim como economia austríaca"

²³ Popper rejeita o psicologismo, expressionismo ou subjetivismo em epistemologia, que negam o tratamento do objeto do conhecimento em si. Harper (1996:49) relaciona as filosofias justificacionistas com o psicologismo. Ver ainda Popper (1974) ou Bartley (1990) a respeito deste ponto.

faremos um breve relato do ressurgimento da EA a partir da década de setenta – ressurgimento este que se deve em grande parte aos esforços desses dois economistas.

A EA, que teve seu apogeu na década de trinta com a ida de Hayek à *London School of Economics*, sofreu um declínio de popularidade a partir da revolução keynesiana. As teorias austríacas caíram no esquecimento e sofreram ataques em diversas frentes, como por exemplo as controvérsias que Hayek travou com Knight, Sraffa e Keynes. Além disso, houve uma dispersão dos economistas austríacos, em especial com o advento da Segunda Guerra Mundial. Mises foi para Nova York, Lachmann migrou para a África do Sul e Hayek, a partir da década de 40, deixou de publicar obras de economia para se concentrar em questões filosóficas e teorias sociais mais amplas. Nesse período, apenas Mises mantinha-se ativo como economista austríaco.

Na década de setenta, contudo, presenciou-se um ressurgimento da EA nos Estados Unidos. Vaughn (1996) descreve a migração da tradição para o continente americano e historia o ressurgimento da escola. Para essa autora, o evento que marcou esta revitalização da economia austríaca foi uma conferência ocorrida em 1974 na cidade americana de South Royalton, Vermont, que reuniu as três figuras principais da EA moderna: Lachmann, Kirzner e Rothbard²⁴. Presentes no seminário estavam vários economistas que atualmente lideram o movimento austríaco, como O’Driscoll, Rizzo, White, Garrison, Lavoie e Vaughn, entre outros.

Segundo Dolan (1976:4), na conferência de South Royalton, Milton Friedmann afirmou que “não existe economia austríaca, mas apenas economia boa e economia ruim”, dando a entender que as idéias com algum valor dos autores austríacos foram ou podem ser absorvidos pelo *mainstream*. Dolan (1976) e Vaughn (1996), no entanto, procuram mostrar que podem existir, por assim dizer, "falhas de mercado" no campo intelectual: as idéias austríacas, por sua natureza, não podem ser incorporadas facilmente ao referencial neoclássico, constituindo um programa de pesquisa próprio. Dolan procura mostrar que esse é de fato o caso. Utilizando o linguajar kuhniano, o autor observa que a EA não realiza ciência normal, mas extraordinária: não se produz livros-texto – seus estudantes utilizam diretamente os textos originais –, publicam-se mais livros do que artigos em revistas estabelecidas, seus membros se preocupam com fundamentos metodológicos e filosóficos, discutem-se quais são os problemas fundamentais em vez da resolução de “quebra-cabeças” menores e, mais importante,

²⁴ As palestras que os três autores proferiram nesse evento foram publicadas em Dolan, 1976.

argumenta-se que as teorias estabelecidas não seriam capazes de lidar com os problemas que interessam aos economistas austríacos.

Os temas tratados pelos palestrantes em South Royalton, de fato, são marcados pela conscientização dos elementos que configuram o programa de pesquisa austríaco e como esses elementos divergem das teorias ortodoxas. Nas suas palestras, Rothbard e Kirzner tratam do método da economia, Kirzner e Lachmann distinguem a teoria de processo de mercado da teoria de equilíbrio competitivo e, em outras palestras, tratam da teoria austríaca do capital. Lachmann e Rothbard realizam críticas à macroeconomia prevalente e apresentam a teoria austríaca do ciclo econômico. Lachmann enfatiza em todas as suas palestras a importância de se estudar as implicações do subjetivismo em economia. Pelo tema dessas palestras, o leitor poderá identificar claramente os elementos pertencentes ao núcleo do programa de pesquisa austríaco, a saber, subjetivismo, individualismo metodológico, processo de mercado e a formação de estruturas complexas não uniformes.

Além de esclarecer os pontos compartilhados pelos autores austríacos, o congresso de South Royalton já revela as tensões existentes entre as posições de Lachmann, Kirzner e Rothbard. O primeiro, ao enfatizar o subjetivismo, acredita na preponderância das forças desequilibradoras no mercado, enquanto segundo, com sua teoria da atividade empresarial, acredita na preponderância das forças equilibradoras. Destas opiniões contrastantes surge a clivagem da EA em seu período moderno, que resultou nos debates travados na década de oitenta. O estudo dessas posições contrastantes e dos debates entre elas é o objetivo deste trabalho.

Para Vaughn (1996), nessa conferência, apenas as palestras de Lachmann apontam para a construção de um novo paradigma austríaco, enfatizando o subjetivismo radical que marca a escola, enquanto a teoria da atividade empresarial de Kirzner poderia ser acomodada com mais facilidade à teoria neoclássica da competição. Quanto a Rothbard, este estaria mais preocupado com o seguimento fiel às idéias de Mises. Traduzindo a opinião dessa autora para o referencial lakatosiano, o programa de pesquisa austríaco somente poderia ser progressivo – isto é, poderia evoluir na resolução de novos problemas – se desenvolvesse em sua heurística as implicações do pressuposto nuclear do subjetivismo. Defenderemos no final de nosso trabalho que o programa austríaco será progressivo mediante a fusão dos elementos encontrados tanto em Lachmann quanto em Kirzner.

A conferência, que resultou em um livro (Dolan, 1976), foi seguida por outra (Spadaro, 1978) e várias outras foram realizadas desde então. Além disso, vários livros foram publicados e

algumas universidades passaram a oferecer cursos em economia austríaca, como as universidades de Nova York, George Mason e Auburn, nos Estados Unidos. Economistas em outros países também realizam conferências e editam livros sobre o assunto. Hoje em dia existem dois jornais especializados e uma crescente literatura publicada na área.

O ressurgimento da EA que descrevemos brevemente nos parágrafos anteriores foi caracterizado pela clivagem entre as posições contrastantes dos três principais economistas dessa tradição. Mas, por que existe essa clivagem? Qual são as características dos sistemas de idéias desses autores que explicam suas diferentes opiniões e controvérsias? No restante deste trabalho procuraremos esclarecer essas questões, examinando as obras de Lachmann e Kirzner e traçando as diferenças entre os dois em termos dos diversos pressupostos metodológicos adotados. Esses pressupostos influenciarão a maneira característica de cada autor de lidar com o problema do conhecimento de Hayek. No final do trabalho, argumentaremos que o uso de pressupostos popperianos sobre o conhecimento permite tratar a obra de Lachmann e Kirzner como complementares, não envolvendo posições irreconciliáveis. Com a conciliação das posições, pode-se avançar o programa de pesquisa austríaco.